

Grafismo e tatuagem: transformações na cultura indígena¹

Ian Gabriel Santana Marabini
E-mail: ian.marabini@gmail.com

Resumo: O seguinte artigo investigará por quais motivos alguns indígenas atualmente estão fazendo tatuagens, tendo em vista que, os indígenas em sua maioria, fazem uso das artes corporais denominadas como grafismos que é um tipo de arte com característica principal a não permanência e a tatuagem já tem uma permanência.

Os métodos utilizados para composição e que acaba por validar e consolidar esta pesquisa são através de fontes escritas, sendo pesquisas bibliográficas de artigos de revista ou artigos de livros. Nas fontes orais foram utilizadas entrevistas com um tatuador e dois indígenas. Por fim, nas fontes iconográficas foram utilizados três quadros de época para ilustração e dinamização da discussão.

Palavras-chave: Arte, Tatuagem, Grafismos Indígenas, Resistência.

Abstract: The following article will investigate the reasons why some indigenous people are currently getting tattoos, considering that the majority of the indigenous people make use of body arts called graphics, which is a type of art with the main characteristic of non-permanence and the tattoo already has a stay.

The methods used for composition and which end up validating and consolidating this research are through written sources, being bibliographic searches of magazine articles or book articles. Oral sources used interviews with a tattoo artist and two indigenous people. Finally, in the iconographic sources, three period tables were used to illustrate and stimulate the discussion.

Keywords: Art, Tattoo, Graphics, Indigenous, Religiosity, Identity.

Historicamente, os indígenas que vivem na América do Sul, especificamente do Brasil, fazem uso de pinturas corporais de forma não permanente porque estas práticas estão relacionadas a ocasiões ritualísticas, ritos de passagem ou até mesmo a momentos ligados à vida cotidiana dos indígenas. Porém, atualmente, muitos indígenas estão fazendo uso de tatuagens, um tipo de pintura corporal permanente, algo que não era comum antigamente. Assim, o objetivo da pesquisa é compreender os motivos pelos quais os indígenas passaram a incorporar a tatuagem, como forma de registro imagético em seus corpos, sabendo que em sua cultura matriz essa prática contemporânea não existe.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História das Faculdades Integradas de Ciências Humanas, Saúde e Educação de Guarulhos, como requisito para obtenção do título de Licenciado em História. Orientadora Ma. Eva Aparecida dos Santos. Dezembro de 2020.

Além disso, os indígenas chamam as pinturas corporais ou grafismos corporais de arte ou consideram como arte por possuírem como principal característica a não permanência. Deve-se levar em consideração que as formas de arte, tanto os grafismos quanto as tatuagens por uma série de significados e processos distintos não têm vínculos uma com a outra. Então, questiona-se por que ou por quais motivos estes indígenas têm se apropriado desta cultura das artes permanentes, ou seja, as tatuagens.

Dentre os objetivos dessa pesquisa, compreender os motivos pelos quais povos que, historicamente, utilizavam a prática de pinturas corporais não permanentes associadas a elementos culturais dos grupos aos quais pertencem estão utilizando a tatuagem como forma de adorno. É de fundamental relevância para compreendermos o que leva a alteração dos modos de vida de povos originários, frente a sedução da indústria da moda.

Para atingir os objetivos realizou-se entrevistas com dois indígenas da etnia Guarani, que ressaltaram a importância e a diversidade dos grafismos e comentaram sobre a introdução das tatuagens nas aldeias.

A primeira entrevista foi realizada com Márcia Augusto Martim de Campos, de 59 anos, que é professora de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II, na EEI Djekupe Amba Arandy, na aldeia do Jaraguá, localizada na cidade de São Paulo. Seu nome na língua Guarani é *Yvapotyju*, que quer dizer 'Árvore Amarela do Céu'. O outro entrevistado, tem 44 anos, trabalha na mesma escola que a Márcia e ministra aulas para o 5º ano. Seu nome em língua portuguesa é Jurandir Augusto Martim e em Guarani é *Karai Jekupé*, que não tem um significado específico, mas se relaciona à divindade do leste, onde nasce o sol.²

Os grupos indígenas, em sua maioria, fazem uso dos grafismos indígenas tendo finalidades ritualísticas e cotidianas. Cada grupo indígena carrega seus próprios grafismos trazendo consigo suas formas e seus significados, assim, sendo feitos em momentos e situações específicas. Há também grupos indígenas que fazem pouco uso dos grafismos, como os povos Guarani, que, normalmente, fazem uso de pinturas corporais apenas quando estão passando por momentos de guerra (atualmente, em manifestações/apresentações/protestos e reivindicações políticas).

² Devido a pandemia do novo COVID – 19, as entrevistas foram feitas via plataformas digitais. Com a indígena Márcia a entrevista foi realizada através do WhatsApp por ser a plataforma mais acessível e prática para ela. A entrevista do Jurandir foi realizada pelo Google Meet.

Assim sendo, neste trabalho trataremos do conceito de arte indígena, do uso grafismo e da tatuagem para os indígenas na atualidade e como essas manifestações de adorno corporal se relacionam entre si.

ARTE INDÍGENA

A fim de compreender o que é arte indígena devemos fazer os seguintes questionamentos: O que é arte? Como se define arte? Tudo pode ser considerado como arte?

Faz parte do senso comum acreditar que o conceito de arte se limita a formas de expressão de sentimentos e sensações através de pinturas, esculturas, danças, canções e até vestimentas. Porém, o Ernst Gombrich em seu livro *A História da Arte* propõe ampliar as definições de arte e argumenta que não há problemas em considerar tudo como arte desde que sejam respeitadas as especificidades e diferenças de suas épocas, tempos e lugares. Nesse sentido, propõe também que edifícios, templos, casas e outras obras arquitetônicas, que para muitos não estão na esfera das ‘belas artes’, sejam entendidas como arte (GOMBRICH, 2013, p.21).

Segundo esse pesquisador, a arte cumpre uma função e, sobretudo, carrega uma finalidade material, cotidiana, ritualística e mágica. Assim, quando determinado grupo indígena faz um grafismo em seu corpo, certamente tem uma função muito específica que condiz com o momento que está sendo vivido ou que está para acontecer, seja para fazer um pedido ou exaltar os seres sagrados. Em suma, a arte para os indígenas cumpre um papel material e social e está atrelado à religiosidade (GOMBRICH, 2013, p. 37-38).

Ao questionar o professor Guarani Jurandir sobre o que os indígenas do seu grupo compreendem sobre arte ele respondeu:

A importância da arte, bem dizendo, é quase que espiritual. Tudo que rege no mundo Guarani é espiritual. Então, tudo que é visto na natureza é visto como sagrado. Então muitas coisas, assim, o desenho, a cestaria são copiadas do que acontece no meio ambiente e a pintura corporal Guarani funciona assim; Guarani é um povo que respeita muito as outras culturas e outros povos, então muitos dos desenhos corporais não são copiadas, não, mas influenciados pelo desenho de outros povos mais próximos aos Guarani, inclusive a tatuagem (Jurandir, professor Guarani).

Já a professora Guarani Márcia disse que:

Então, quando eu era pequena na aldeia minha mãe me ensinava para a gente que a arte era aprender o que a gente tinha que aprender da cultura, assim, livre sem ser obrigado a fazer as coisas, por exemplo, artesanato. Então, a gente aprendia a preparar o artesanato e aprender a fazer para nossa sobrevivência. Então, o que eu entendia, de mim, pessoalmente, que minha mãe ensinava que a arte era aprender sobre a nossa sobrevivência, como aprender a fazer uma

cesta, um brinco, pintura e também as brincadeiras. Tinha muitas brincadeiras que a gente fazia também, que a gente cantava, também tinha dentro da plantação. A gente aprendia como lidar com a plantação do milho e do feijão, assim como uma arte. [...]. A arte que eu aprendi era obedecer senão recebia punição, então é assim que eu entendia essa palavra arte, a arte de aprender a cultura, de ser livre, o limite, o nosso limite na brincadeira, no aprendizado, no dia a dia com os mais velhos, entre nós as crianças também, com a natureza. Então, tudo isso envolve arte (Márcia, professora Guarani).

Diversos dos povos que habitavam a região da América do Sul faziam e ainda fazem uso das pinturas corporais. Desde o século XVI, temos registros de representações das pinturas corporais elaboradas pelos ameríndios. Debret, em uma obra intitulada *Dança de selvagens da missão de São José*, datada 1834, na obra de Hercule Florence *Índio Bororo*, que foi pintada durante a Expedição Langsdorff à Amazônia (1825 - 1829) e *Apiacás, Habitation des Apiacás Sur l'Arinos, Avril* (traduzindo do francês: Apiacás. Morada dos Apiacás Em Arinos, abril) também de Hercule Florence exemplificam essas práticas.

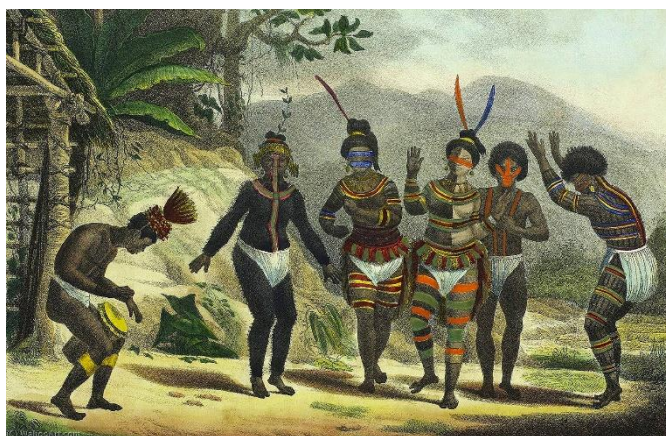


Imagem 1: Litogravura - Jean Baptiste Debret, 1834
Dança dos selvagens da Missão de São José.

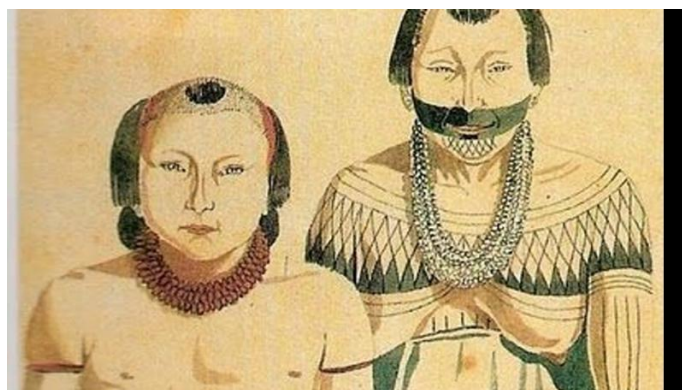


Imagem 2: Litogravura - Antoine Hercule Romuald Florence, (1825 - 1829)
"Índio Bororo" Expedição Langsdorff à Amazônia



Imagem 1: Litogravura – Antoine Hercule Romuald Florence, 1828
Apicás. Habitation des Apicás Sur l'Arinos, Avril.

Segundo Siqueira Jr. (2000, p.265-270), para os índios Kadiwéu a prática da pintura e confecção das tintas, manuseio das matérias-primas são uma área de atuação exclusiva das mulheres, somente elas podem fazer participar dessa prática, na qual o ensinamento é transmitido pelas mais velhas. Jurandir ao ser questionado se essa prática e papel social das mulheres também faz parte da cultura Guarani comentou que no processo de contato e intercâmbio entre culturas indígenas, alguns costumes se mesclaram e se modificaram, com isso há pinturas específicas para mulheres para os homens que somente a pessoa do mesmo sexo pode fazer; mulheres fazem em outras mulheres e homens fazem em outros homens (Jurandir, professor Guarani).

De acordo com Siqueira Jr. para a confecção dos objetos usam o barro para produção de cerâmicas, de preferência usam o barro amarelo por ser mais fácil de encontrar, mas também usam outras tonalidades de barro como o barro preto. O barro amarelo pode ser encontrado nos rios e lagos próximos aos aldeamentos, já o barro preto é mais difícil por ser um pouco mais escasso e há uma diferença significativa no barro no que diz respeito à resistência na confecção dos objetos. Para os objetos de cerâmica, as principais cores usadas são o preto, o vermelho, amarelo e o rosa. Para os desenhos, colares feitos com miçangas e faixas de algodão (usadas pelos homens e que podem ser comercializadas) as cores mais utilizadas são o azul, vermelho, verde e o preto. Os

indígenas têm boas noções de proporcionalidade nas cores em que costumam usar de três a quatro cores para cada desenho. No preparo das tintas, as artistas mais velhas usam para fabricação da cor preta o suco de jenipapo, misturado com pó de carvão com uma lasca de taquara. A fabricação da verde é difícil de obter e o azul quase não existe. A cor amarela e a rosa são extraídas de pedras (micas) e causam brilhos diferentes das demais cores. Usam pau-santo com almecega para fins medicinais, essa resina dá maior brilho e durabilidade. As outras cores são retiradas do barro colorido, como já mencionado acima, podendo ser difícil de encontrar (SIQUEIRA JR., 2000, p.265-270).

Segundo Jurandir da etnia Guarani, hoje em dia é muito difícil substituir matéria-prima, tanto para a confecção de objetos quanto da pintura corporal, sobretudo em aldeias próximas dos centros urbanos, tendo em vista que os materiais utilizados são retirados da natureza. Em geral, em eventos ou manifestações, eles providenciam tudo com antecedência, para pintar o corpo, quando não encontram o que precisam (jenipapo), utilizam uma mistura de óleo com carvão. Márcia completa explicando que “Mas os indígenas gostam de outras cores, não só preto e vermelho, não. Tem o amarelo, o azul e aí essas tintas eles já usam o do não-indígena, essas tintas, eles compram” Em seguida a professora expressa as dificuldades de se obter os materiais necessários:

Antigamente tinha que ser tudo natural e eles mesmos processavam, só que agora ele não tem mais assim, é difícil conseguir matéria-prima natural, eles tiravam da natureza e agora eles também não podem mais entrar na natureza, por causa da lei do meio ambiente que proíbe os indígenas de estarem fazendo as práticas culturais deles com as plantas para medicamentos naturais, isso tudo aí por causa da lei do meio ambiente eles não conseguem mais fazer e usar natural, as coisas naturais, aí são obrigados a usarem o industrializados, mas o Jenipapo eles ainda usam natural, o Urucum, tinta do pau Brasil, tem também o carvão que é da árvore, das lenhas que eles usam e eu vejo o carvão como natural, mas muitas coisas e práticas culturais se perderam porque eles não podem mais tirar da natureza, e a natureza também está toda devastada, o que mais poderia pegar da natureza? Está tudo desaparecendo, tanto plantas como animais, aí eles têm que se adaptar pelo o que o não indígena produz, que é o industrial (Márcia, professora Guarani).

Dentre os estudiosos que se debruçaram sobre as manifestações artísticas das populações indígenas cabe destacar Els Lagrou, para quem o fator considerado responsável pelo êxito de uma prática artística depende da finalidade e do tipo de arte em questão: pintura corporal, tecelagem, trançado, cerâmica, escultura, produção de máscaras ou arte plumária [...] estes mais ligados para o adorno de pessoas, relações de poder e os rituais. Com isso, ela propõe um questionamento sobre o que é arte e o que é artefato, sendo o segundo o conjunto das obras que possuem uma função de uso, enquanto a arte transcende o próprio objeto:

A obra de arte, portanto, não serve somente para ser contemplada na pura beleza e harmonia das suas formas, ela age sobre as pessoas, produzindo reações cognitivas diversas. [...] São objetos que condensam ações, relações, emoções e sentidos, porque é através dos artefatos que as pessoas agem, se relacionam, se produzem e existem no mundo (LAGROU, p.2, 2010).

No campo da arte como sistema de comunicação, ou seja, da arte como linguagem da iconografia, existem duas formas de representação, a gráfica, vista como decorativa e a figurativa, vista como representativa. A principal diferença entre elas é que a arte figurativa representaria os seres e objetos em formas reconhecíveis por aqueles que a contemplam, e a arte gráfica não. Ambas compõem a arte como um sistema de comunicação, como algo que pode ser informado, como partícipe da linguagem. Cabe destacar, que essa característica faz parte das funções atribuídas pelos indígenas aos grafismos corporais (DURAN, 1990, p.53-54).

GRAFISMOS

Assim como a arte, os grafismos, podem ser encontrados em diversos artefatos confeccionados pelos povos indígenas, como cerâmicas, potes, pedras, jarros, vasos, lanças, máscaras, tecidos, cestas, papéis etc., e nos adornos corporais. O que os diferenciam de um grupo para outro são as formas que são representados, dos costumes e das especificidades de cada grupo. Eles podem também, ser considerados como formas de representação da realidade, sendo fundamentalmente pertencentes e particulares a cada grupo indígena indo desde a aplicação de cores, as formas de traçado até os significados, tornando possível fazer um reconhecimento de cada grupo, a que família é pertencente, que função o grafismo representa, ou até em que momento esse membro que foi pintado está vivendo.

Os desenhos tanto para o corpo quanto os objetos têm, em sua maioria, uma forma mais geométrica e são retirados da própria natureza ou de animais. Aos olhos ocidentais são muito difíceis de serem notados ou percebidos. Essa prática de fazer grafismos era atribuída às mulheres, os homens se encarregavam da produção dos utensílios cotidianos e os objetos de contemplação.

Na entrevista feita com o professor Jurandir, podemos ver um dos objetivos dos grafismos:

Sabe aquelas tatuagens que as pessoas fazem agora que é só uma listra preta, então, o Guarani antigo fazia essa listra preta no tornozelo de todos os jovens que começavam a entrar na puberdade, então esse jovem era marcado com essa pintura. Então não seria corporal, ela seria nas partes inferiores do corpo, que seria o tornozelo, que significava que o menino estaria entrando no mundo do adulto (Jurandir, professor Guarani).

Jurandir afirma que hoje em dia não há mais essa prática. No caso das meninas esses rituais eram feitos no período de puberdade “os pais, eles cortavam o cabelo da menina bem carequinha para a renovação da menina, para sair de uma criança, para uma mulher” e reafirma que hoje em dia também não há mais essa prática, dessa forma, e explica o motivo: “mas, hoje em dia ainda tem essa prática, mas parcialmente, não faz mais o corte careca, corta só as pontas do cabelo, porque a menina é vaidosa e não quer ficar careca.” (Jurandir, professor Guarani).

TATUAGENS

Estudos a respeito das origens das tatuagens no Ocidente não possuem uma data específica para seu surgimento/criação. Sabe-se que elas resultam de um longo e lento processo de apropriação feito pelos navegantes que chegavam nas ilhas do Oceano Pacífico e ao verem os povos nativos das ilhas fazendo suas pinturas corporais, começaram a imitar a prática (FONSECA, p.19, 2003).

No processo de elaboração de uma tatuagem é preciso escolher o desenho, adaptar à região em que será feita, pegar uma tinta natural, uma agulha específica para tatuagem e esterilizada ou qualquer outro instrumento para fazer as incisões e cortes na pele. No ato de se fazer os cortes na pele, você está destruindo uma célula produtora de melanina e introduzindo o pigmento. Após isso a pele fica no processo de cicatrização e fechamento da tatuagem que é o momento em que a pele vai se adaptar ao pigmento ou não. (ROCHA, p.32, 2009).

A partir do século XIX, as tatuagens, ou como eram chamadas ‘marcas da marginalidade’, começaram a fazer parte do cotidiano de prostitutas, presidiários e criminosos como forma de demarcação social e econômica. Porém, em meados do século XX, outros grupos começam a aderir às tatuagens como forma de reconhecimento e de associação, principalmente no período dos movimentos de contracultura, como as gangues e os hippies que aderem a essa prática, para os quais seu papel é simbólico que designa status social (LEITÃO; 2004, p.4).

Porém, na atualidade, a tatuagem tem outro significado e outra intenção. Para a maioria dos seus usuários ela exerce um papel meramente estético em decorrência de um modismo recentemente surgido. Se as tatuagens carregam algum significado, este significado está associado a uma condição subjetiva e particular. Sendo assim, é possível

fazer uma análise semiótica das pessoas, porque as tatuagens refletem preferências, estilo e características da personalidade da pessoa que a fez.

Ao perguntar aos entrevistados sobre sua compreensão sobre a tatuagem obteve-se as seguintes respostas: a professora Márcia disse que compreende ser uma prática milenar e que começou com os povos Maori³ e que os não-indígenas foram se apropriando e misturando com a cultura dos demais grupos sociais no decorrer do tempo e assim a tatuagem se tornou cheia de técnicas como conhecemos hoje. Ela afirmou que a tatuagem é uma forma de linguagem, uma forma de comunicação (Márcia, professora Guarani).

Já Jurandir acredita que a tatuagem serve como forma de expressão e melhora a aparência. Ele mencionou um fato pessoal sobre essas peculiaridades:

Bom, eu, Jurandir, Karai Jekupé, indivíduo falando, acho que é uma forma de expressão, para você se expressar, porque eu comecei a ter autoestima quando eu tive as minhas primeiras tatuagens, então isso me serviu de inspiração para eu poder me expressar. É muita dificuldade por causa da minha timidez, tive uma infância muito turbulenta devido ao preconceito na escola, então me deu uma inspiração assim, uma forma de me expressar como indivíduo, não como grupo ou como parte de um grupo, mas para o meu ego, isso serviu bastante. Assim que vejo tatuagem, é uma forma de se expressar no mundo em que a gente está (Jurandir, professor Guarani).



Imagem 1: Fotografia - Cedida pelo professor Jurandir. Retrata sua tatuagem de grafismo indígena. No meio do grafismo contém o nome de sua filha.

³ Povos maori, são povos originários da Nova Zelândia. São conhecidos por sua forma de fazer seus grafismos que diferentemente dos povos indígenas das Américas estes fazem através da escarificação.

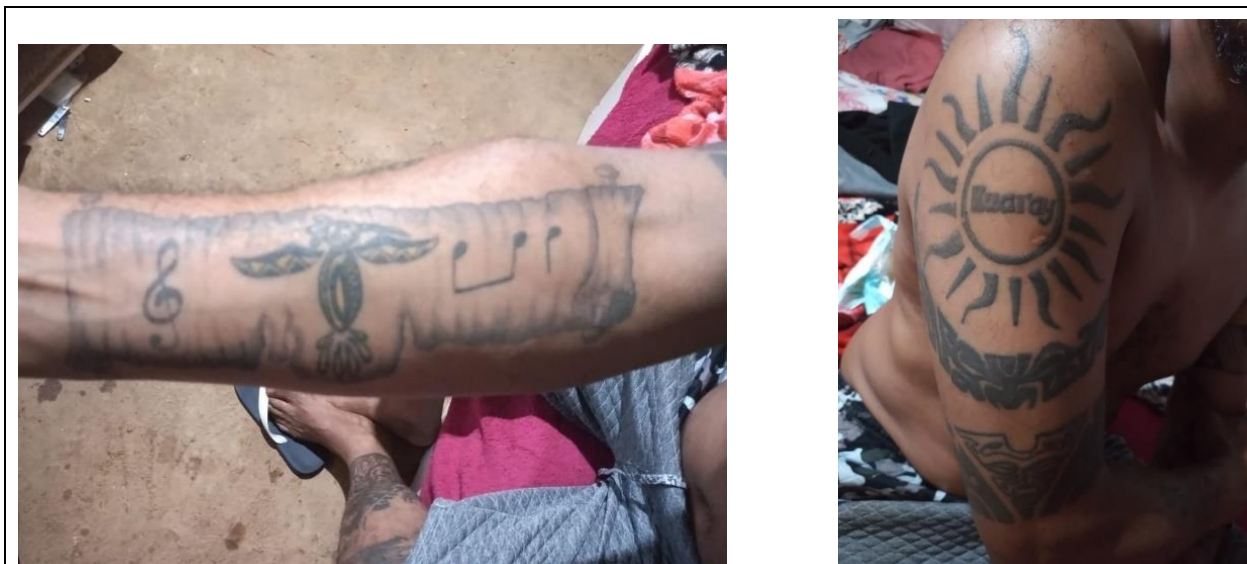


Imagem 2: Fotografias cedidas pelo professor Jurandir. Tatuagens que ele fez, mas as pinturas não se relacionam à cultura do grupo.

Foi perguntado aos entrevistados sobre a reação dos demais Guarani sobre o uso de tatuagens como forma de adorno corporal. De acordo com eles não há rejeição, apenas curiosidade, sobretudo dos mais velhos, por ser uma prática que antes não era usada. A curiosidade também está atrelada ao valor das tatuagens, algo caro para a maioria dos moradores da comunidade.

Sabendo do quão valioso são os grafismos corporais, questionei por qual motivo passaram a fazer as tatuagens e se isso não poderá de alguma forma desvalorizar e/ou prejudicar a prática das pinturas corporais:

Ela não tem efeito de substituição ainda, apesar de ter muitos e muitos Guarani que tenham tatuagens fixas. Ela ainda não é incorporada de alma e espírito como as pinturas corporais indígenas feitas de jenipapo e urucum, por enquanto é bem difícil de avaliar se ela pode substituir, se vai substituir, se seria uma perda ou um ganho, eu acho que dependendo de que forma é usado a tatuagem fixa, o desenho fixo no corpo se tiver uma padrão Guarani, um padrão que enriqueça talvez não seja algo ruim não (Jurandir, professor Guarani).

Os povos têm muito apego e fé na tradição, cultura. E o objetivo do povo, principalmente o Guarani, é preservar essa identidade, que é essa identidade que diferencia o povo indígena dos não indígena. Tudo é sagrado para o indígena, principalmente para os guarani e Guarani Mbyá, que eu convivo, tem muito do sagrado em tudo, nessas práticas culturais dele. Não prejudica não, muito pelo contrário, pois veio para somar, soma, se a pessoa que estiver fazendo a tatuagem no corpo dele e está fazendo com amor, com afeto, com fé, com crença e não desacredita na cultura e está sempre ali na comunidade, está com Nhanreko dentro dele, Nhandereko é o nosso ser indígena dentro dele, não prejudica não (Márcia, professora Guarani).

CONCLUSÃO

O objetivo do trabalho apresentado foi discutir o que é arte para os indígenas e, sobretudo, compreender porque alguns indígenas estão adotando o uso da tatuagem que é uma forma de pintura corporal permanente, considerando que historicamente esses povos faziam uso de uma pintura corporal não permanente, nomeada como grafismo. Prática associada a ritos e papel social na comunidade.

Confesso que antes de realizar as entrevistas tinha a impressão de que as tatuagens como forma de adorno não seriam aceitas entre os indígenas, considerando que a adoção da pintura permanente facilitaria o abandono da prática dos grafismos corporais que, normalmente, estão relacionados a questões da religiosidade e sociabilidade. Porém, as populações indígenas, ao contrário do que costumamos pensar, são adeptas de intercâmbios culturais, tendo em vista que gostam de aprender coisas novas, renovar seus conhecimentos e, conseqüentemente, compartilhar saberes. Então, no processo de inclusão das tatuagens como adorno usado por indígenas, de acordo com membros de uma comunidade Guarani, não há rejeição, tampouco dos mais velhos, mas curiosidade por ser algo novo, diferentemente de outras práticas como a colocação de *piercings* e brincos. Os entrevistados acreditam, inclusive, que a incorporação dessa prática é benéfica, pois contribui para conhecer mais sobre outros grupos humanos e talvez como forma de reafirmação de sua cultura. Para eles, esse fenômeno ainda é novo e é preciso aguardar.

No tocante aos objetivos iniciais dessa pesquisa, embora não tenhamos dados que possam ser válidos para a totalidade dos grupos indígenas que vivem no Brasil, auxiliam a reflexão para a continuidade do trabalho sobre o tema.

REFERÊNCIAS

Imagens:

Litogravura – Antoine Hercule Romuald Florence, 1828. *Apiacás. Habitation des Apiacás Sur l'Arinos, Avril*. Disponível em: <http://www.ihf19.org.br/pt-br/#> Acesso em: 25 de novembro 2020.

Litogravura - Antoine Hercule Romuald Florence (1825 - 1829). *Índio Bororo*. Expedição Langsdorff à Amazônia.

Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/expedicao-langsdorff-rugendas-historia.phtml> Acesso em: 03 de dezembro de 2020.

Litogravura - Jean Baptiste Debret, 1834, *Dança dos selvagens da Missão de São José*. Disponível em: <https://pt.wahooart.com/@/9CWH2C-Jean-Baptiste-Debret-%C3%8Dndios-Dan%C3%A7a-na-os%C3%A3o-Jose-miss%C3%A3o-> Acesso em: 16 de outubro de 2020.

Entrevistas:

CAMPOS, Márcia Augusto Martim de. A tatuagem das aldeias indígenas. [Entrevista concedida] Ian Gabriel Santana Marabini. Guarulhos, p.01-10, set, 2020.

MARTIM, Jurandir Augusto. A tatuagem das aldeias indígenas. [Entrevista concedida] Ian Gabriel Santana Marabini. Guarulhos, p.01-07, out, 2020.

Bibliografia:

ABREU, Fabricia de Castro. *Sobre Ensaio* A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. CE. Fortaleza. p. 71-82. Disponível em: http://www.gewebe.com.br/pdf/cad12/caderno_05.pdf

BARBERO, Estela Pereira Batista; STORI, Norberto. Artes Indígenas – Territórios de diálogos. Cachoeira, Bahia, *Anais do 19º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas*, p. 303-314, 2010.

BARBERO, Estela Pereira Batista; STORI, Norberto. Artes Indígenas – Diversidade e Relações com a História da Arte Brasileira. Curitiba, *Revista Científica/Fap*, v.5, p.111-124, 2010.

BARCELOS NETO, Aristóteles. Gallois, Dominique Tilkin. Ilustrações: índios Wajãpi. Kusiwa: pintura corporal e arte gráfica wajãpi. *Revista De Antropologia*, v.45, n.1, p. 261-263, 2002.

BENJAMIN, Walter Benedix Schönflies. A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica. In. *Magia e Técnica, Arte e política. Obras escolhidas I*. Trad. Rouanet S. P. São Paulo: Brasiliense, p. 01-14, 1955.

CAVALCANTE, Ana Luisa Boavista Lustosa; ROSSATO, Jaqueline; PEREIRA, Francisco Antônio Fialho; PERASSI Richard Luis de Souza. A iconografia em comunidades indígenas. *Projética*, Londrina, v.4, n.2, p.09-28, 2013.

COSTA, Ana Maria Medeiros da. “Se Fazer” Tatuar: Traço e Escrita das Bordas Corporais. São Paulo, *Estilos da Clínica*, v.7, n.12, p.56-63, 2002.

DURAN, Maria Raquel da Cruz. Leituras antropológicas sobre a arte Kadiwéu. São Paulo; *Cadernos de Campo*; n.24, p. 43-70, 2015.

FERREIRA, Vitor Sérgio. Tatuar o Corpo Jovem Hoje: Rito de Passagem ou Ritual de Impasse? *Vivência*, n.36, p.137-156, 2011.

FONSECA, Andrea Lissett Perez. *Tatuar e ser tatuado: Etnografia da Prática Contemporânea da Tatuagem. Estúdio: Experience Art Tattoo*. Florianópolis: UFSC, 2003 (Mestrado em Antropologia Social).

GOMBRICH, Ernst Hans Josef. *A História da Arte*. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

LAGROU, Elsje Maria. Antropologia e Arte: uma relação de amor e ódio. Florianópolis; *Revista Ilha*, vol. 5, nº. 2, 2003; p. 96-113.

LAGROU, Elsje Maria. Arte ou artefato? Agência e significado nas artes indígenas. *Revista Proa*, vol.01, n.2; p. 01-26, 2010.

LANGDON, Jeans. A cultura Siona e a Experiência alucinógena. In: VIDAL, Lux Boelitz (Org.). *Grafismos Indígenas: Estudos de Antropologia Estética*. São Paulo: Studio Nobel/FAPESP, 2000. p. 67-87.

LEITÃO, Débora Krischke. Mudança de Significado da Tatuagem Contemporânea. São Leopoldo; *Cadernos IHU Ideias*, nº16, Impressos Portão, 2004.

LISE, Michele Larissa Zini; GAUER, Gabriel José Chitto, PICKERING, Viviane Leal; NETO, Alfredo Cataldo; DIAS, HerikaZogbi Jorge. Tatuagem: Perfil e Discurso de Pessoas com inscrição de Marcas no Corpo. *Anais Brasileiros de Dermatologia*, v.85, n.5, p.631-638, 2010.

MOREIRA, Jaqueline de Oliveira; TEIXEIRA, Leônia Cavalcante; NICOLAU, Roseane de Freitas. Inscrições corporais: tatuagens, piercings e escarificações à luz da psicanálise. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 13, n. 4, p. 585-598, 2010.

NUNES, Fabricio Vaz. As Artes Indígenas e a Definição Da Arte. *Anais do VII Fórum de Pesquisa Científica em Arte*. Curitiba; Embap, p. 143-153, 2011.

ROCHA, Gabriela. a arte da tatuagem, a atividade ganha admiradores e supera antigos preconceitos. Talentos, pra quê? *Revista Eclética*, PUC-RJ, n.29, p.31-37, 2009.

ROTERMUND, Suzanne. O Grafismo Indígena, Suas Formas e Cores Relato de um Trabalho Pedagógico-Terapêutico. Curitiba; Ita Wegman, 2016. Disponível em: <http://www.pindorama.art.br/indigena/grafismo-suzane.pdf>

SIQUEIRA JR, Jaime Garcia. A iconografia Kadiwéu atual. In: VIDAL, Lux Boelitz (Org.). *Grafismos Indígenas: Estudos de Antropologia Estética*. São Paulo: Studio Nobel/FAPESP, 2000. p. 265-277.

VELTHEM, Lucia Hussak Van. Artes Indígenas: Notas Sobre a Lógica dos Corpos e dos Artefatos. Rio de Janeiro, *Textos Escolhidos de Cultura a Arte Populares*, v.7, n.1, p. 19-29, 2010.

VENTURA, Lidnei. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Quaestio, Sorocaba, SP, v. 20, n. 2, p. 529-534, ago. 2018.

VIDAL, Lux Boelitz. Iconografia e Grafismos Indígenas, uma Introdução. In: VIDAL, Lux Boelitz (Org.). *Grafismos Indígenas: Estudos de Antropologia Estética*. São Paulo; Studio Nobel/FAPESP; v.02, p. 13-17, 2000.

ANEXOS

Entrevista realizada entre os dias 21 de setembro de 2020 ao dia 01 de outubro de 2020

Entrevistada: Márcia Augusto Martim de Campos

Entrevistador: Ian Gabriel Santana Marabini

Local da Entrevista: realizada via whatApp devido a pandemia do Covid -19

Obs.: os trechos utilizados no artigo estão grafados com marca texto.

- Apresentação básica do indígena: nome de origem e significado; nome social; idade; função que cumpre na aldeia;

R: O meu nome em português é Márcia Augusto Martim de Campos e em Guarani é Yvapotyju que quer dizer em português “árvore amarela do céu”. À minha idade, este mês faço 59 anos. Estou para fazer 59 anos. A minha função na aldeia desde 2003, sou professora. Ministro aula do sexto ao nono ano. Eu trabalho na aldeia e todos eles da aldeia são meus parentes. Todos primos, primos de primeiro, segundo grau e terceiro grau. Essa é a minha função. Eu trabalho na aldeia. Eu ministro aulas de Português e já trabalhei também na aldeia com o projeto SECI que é um recreio nas férias para as crianças, mas tudo isso com indicação da comunidade pelos meus parentes. Eu trabalho desde 2003.

- A senhora só dá aulas de português ou dá aulas de outras coisas também?

R: Então, neste ano estou atuando também na Escola da Família, que tem um programa dentro do Estado da educação, um programa chamado Escola da Família onde eu fico nos finais de semana, sábado e domingo, trabalho o dia todo das 9h às 17h desenvolvendo atividades de brincadeiras com as crianças. São dois dias que as crianças têm para brincar né. Eles vão na escola lá, aí eu arrumo para eles uma salinha para eles fazer leitura de gibi na gibiteca, brinquedoteca, joguinhos de mesa, pingue-pongue, pebolim, vôlei, futebol de areia, ficar jogando mesmo em frente à escola né. Então é esse o trabalho da Escola da Família é esse programa, mas têm vários projetos que podem ser desenvolvidos dentro da Escola da família. Tem também refeição, têm dias que fazemos comidas típicas da cultura, eles gostam muito de pintar, desenhar. Então são dois dias para eles ficarem o fim de semana na escola para se divertir mesmo, para se distrair, para recreio livre. Também dá aulas de reforço quando tem algum aluno precisando de reforço também têm algumas horinhas de reforço dentro dessas 9h até às 17h. Então, desde o ano passado eu estou nesse programa na escola que é Escola da Família.

- Para vocês indígenas, o que é arte? Como vocês definem a arte?

R: Então, quando eu era pequena, na aldeia, minha mãe ensinava para gente que a arte era aprender o que a gente tinha que aprender da cultura, assim, livre sem ser obrigado e a fazer as coisas, por exemplo artesanato. Então a gente aprendia a preparar o artesanato e aprender fazer para nossa sobrevivência. Então o que eu entendia, de mim pessoalmente, que minha mãe ensinava que a arte era aprender sobre a nossa sobrevivência, como aprender a fazer uma cesta, um colar, um brinco, pintura, e também as brincadeiras. Tinha muitas brincadeiras que a gente fazia também que a gente cantava, também tinha dentro da plantação, a gente aprendia como lidar com a plantação do milho e do feijão, assim como uma arte. Mas assim, para gente poder se desenvolver, para o nosso desenvolvimento. Então, a arte que eu aprendi quando era pequena com a minha mãe servia para o nosso desenvolvimento e aprendizado, mas tinha que ser tudo com liberdade, livres, sem obrigação, sem punições. A gente aprendia brincando as coisas que a gente ia precisar para sobreviver no dia a dia.

A arte que eu aprendi era obedecer senão recebia punição, então é assim que eu entendia essa palavra arte, a arte de aprender a cultura, de ser livre, de brincar, o limite, o nosso limite na brincadeira, no aprendizado, no dia a dia com os mais velhos, entre nós as crianças também, com a natureza. Então, tudo isso envolve arte. Aprender respeitando todos os elementos da natureza, a nossa vivência, o nosso ser indígena. Então, tudo isso tem a ver com arte, e também tinha a arte de fazer coisas erradas e aí você recebia um corretivo.

Tudo isso que a gente aprendia. A gente desenhava, não tinha caderno na época, a gente não tinha caderno, a gente desenhava no chão, na terra. Quem morava na praia desenhava na areia. Quem morava aqui na cidade ficava na terra brincando, pegava carvão e a gente ia desenhar, assim, uma árvore sabe? Desenhar alguma coisa que a gente aprendia. Por exemplo de fazer artesanato, pintura, essa pintura, então a gente dizia como a gente aprendia, a gente desenhava para mostrar se a gente aprendeu. Então, desenhar também é uma arte, contar histórias também é uma arte para o indígena, uma história bem contada. Mas por que? Porque ela passa obediência para gente, ensinamento. Então, para o indígena, a arte tem que estar relacionada com ensinamento, ela tem que estar vinculada com ensinamento para que a gente possa se desenvolver, desenvolver o nosso caráter e nossa personalidade.

A gente também brincava, assim, de desenhar na gente também né, brincando com as pinturas. Que nem, por exemplo o urucum, jenipapo, carvão. A gente pegava essas

pinturas e treinava brincando na gente mesmo quando a gente era pequeno, quando a gente era criança. Mas é assim. Então a arte tem a ver com liberdade, obediência, respeito desde que ensinado bem positivamente às crianças, para os adolescentes.

- Para vocês indígenas, o que são os grafismos? Como vocês definem os grafismos?

R: Então, grafismo indígena é uma arte, uma arte indígena. O Brasil tem de 300 a 370 povos indígenas e para cada povo tem um significado. É uma linguagem. Ela passa a natureza. A gente olha o comportamento do animal e a gente procura retratar esse comportamento e também a gente aprende com os animais a vivência deles, como eles vivem, os bichinhos. Mas se você for ver bem significa muito para gente porque o grafismo indígena tem muito a ver com a natureza, uma conexão com a natureza com Nhanderu, nosso criador. Dali a gente vê a criação.

- Quem pode fazer os grafismos? Todos ou só mulheres?

R: Os Guarani são livres tanto um jovem pode fazer numa pessoa mais velha, uma pessoa mais velha fazer numa pessoa mais jovem ou numa criança. Que eu saiba é livre, desde que esteja fazendo o grafismo com respeito e respeitando o limite um do outro. Pelo que eu saiba, quando eu vejo aqui na aldeia, quando eu vou lá e principalmente quando vejo que eles estão se pintando é livre. Eles fazem essa arte livremente com respeito um ao outro, com respeito ao corpo um do outro. Eu vejo assim que fazem, os Guarani.

Os Guarani daqui Mbya, porque têm outros Guarani também, tem os Guarani Kaiowá, os Guarani Nãndeva, os Guarani Tupi, entendeu? Então esses Guarani eu não sei como é. Não sei como eles pintam né, se é só mulher que pode pintar ou só homem que pinta só o homem ou se é mulher que pinta só mulher. Só os Guarani Mbya que são mais livres. Eles não se apegam a esse negócio de deixar só para um fazer, é mais um ajudando o outro, um apoiando ao outro na hora de se pintar, de se arrumar. Um orienta o outro como fazer a pintura e divide também na hora que está pintando nós dividimos as tintas. Não é pincel, eles não usam pincel. Tem uma varinha bem fininha, assim, sabe, uma madeirinha bem fininha que eles fazem, parece uma agulhinha, para pintar que, se não me engano, é feita dessa varinha bem fininha. Não tenho certeza, mas acho que é feita de bambuzinho, bem fininho. Eles fazem tipo uma agulhinha para poder passar, para poder fazer os desenhos. Mas que eu saiba, quando vejo aqui com meus parentes, eu vejo livre. Não vejo homem pintando só em homem ou mulher pintando só em mulher. Não vejo assim, não. Eu vejo diversos, tanto crianças pintando crianças ou adolescente

pintando adolescente, uma menina pintando um menino, ou um mais velho pintando um adolescente ou um outro mais velho. Eu vejo assim, se eles estão se pintando para ir em um evento ou uma apresentação.

Vamos supor, se você for lá me pintar e eu tiver vergonha de me pintar com um rapaz, um menino, um homem eu posso pedir para uma mulher me pintar também. Se eu quiser pintar com um adolescente, vamos supor, e ele quiser me pintar, ele pinta. Eu falo “faz uma pintura no meu braço” e ele faz. Então é de mim, se eu estiver com vergonha aí eu posso pedir para outra pessoa pintar, é assim.

- Hoje, vocês ainda fazem os grafismos com essa mesma finalidade de conexão com o sobrenatural?

R: É, hoje em dia ainda é feito para eventos, para se comunicar porque quando a gente vê o grafismo em um outro parente, se eu vejo o que está no rosto dele, qual linguagem está lá. Se comunica porque a gente ainda vê e sabe o que está querendo dizer. Também nas artes e nos artesanatos que também usa. Você falou assim “comunicação com os deuses”. Não é “os deuses”, é Nhanderu Ete. Nosso deus verdadeiro, o criador. Então a arte, na linguagem, é um meio também como eu já te falei. O grafismo é uma linguagem de comunicação com nosso deus verdadeiro que é nosso criador numa linguagem dele que ele deixou na natureza para estar aprendendo e se desenvolvendo e estar em conexão com tudo que ele criou, tudo que Nhanderu Ete criou. Não é “os deuses” tá?

- Que diferença(s) você(s) atribui(em) para arte indígena e para grafismos?

R Existe cestaria, os desenhos diferentes tanto na cestaria quanto os tecidos no catiguá que é o cachimbo entendeu? Um arco e flecha. Essas diferenças, assim, só que aí como eu não faço no trabalho de artesanato indígena, então para mim fica difícil explicar para você quais são essas diferenças. Quem explicaria melhor seria uma pessoa que está dentro da aldeia, que está sempre trabalhando com artesanato né, para ele explicar para você o que realmente ele está desenhando no grafismo. Porque assim, cada indígena ele tem uma habilidade, tem indígena que tem habilidade na cestaria, tem indígena que têm habilidade com arco e flecha, têm indígena que tem habilidade com artesanato com brincos e colar, outros gostam de trabalhar mais só com os bichinho né, fazer os bichinhos da natureza que tem a madeirinha própria para isso que eles fazem, então cada indígena tem uma habilidade de trabalhar arte dentro da comunidade. Não é que todos que fazem os mesmos artesanatos, cada um tem a sua habilidade dentro da aldeia e infelizmente não é minha

habilidade, não. Eu sei que o grafismo indígena está tudo relacionado a natureza, tem cesta, roupa também que eles trabalham muito com desenhos baseados na natureza. Principalmente com os bichinhos exóticos da natureza, os bem exóticos eles trabalham muito. Se você vai a aldeia você vê, mas se for olhar os artesanatos, os brincos e colares, na cestaria e na roupa você vai ver mais animais exóticos que eles trabalham.

- Que elementos vocês usam para “inspiração” nos grafismos indígenas? Teria uma definição do que seria?

R: Eu entendo como grafismo uma linguagem, que através da observação você observa os elementos da natureza, a própria natureza e o universo. Você procura retratar desenhando, retratar toda a beleza estética de um desenho. Vamos supor, quero desenhar uma onça, por exemplo, vou observar ela todinha, os desenhos que tem nela e as formas que está desenhado na pele dela. Para mim o grafismo é uma linguagem que você vê e observa bem o elemento, desenhar uma onça, cobra, vários tipos de cobra que parece que são todas iguais, mas se você for ver mesmo, vai ver que não são iguais e cada desenho que tem em cada animalzinho, mesmo sendo da mesma espécie não são iguais.

Acredito que o grafismo que tem aquele ser, ele fala um pouco daquele animalzinho, fala como ele se comporta e como é na natureza. Por exemplo a onça, se você for olhar os desenhos vai ver que não são todos iguais, a mesma coisa a girafa, a zebra. Não só animais terrestres, mas as aves, os rios, as árvores. Eu entendo como linguagem e estética porque tem que destacar bem a estética de cada linha que tem de expressão que tem no animal, na natureza ou no rio e saber representar direitinho principalmente as cores, as cores muito forte que ela atrai muito, ela é muito bonita.

Grafismo para mim é saber representar bem a arte, quase que perfeita de um elemento da natureza, que pode ser desde um animal a um rio, aves e planeta terra. Eu penso assim. E no grafismo tem a linguagem que tem a conexão com o próprio criador, que chamamos de Nhanderu Ete, então tem uma linguagem que a gente pode entender a criação, do Nhanderu Ete, toda criação. E os indígenas eles observam muito esses detalhes, as linhas, os detalhes que tem nos elementos, aqueles detalhes de desenhos, as linhas que estão no elemento, pode ser no animal, nas aves, pode ser a própria terra, o universo, rio, os lugares, eles observam muito.

O pessoal fala que os indígenas são preguiçosos, esse preguiçoso que o não-indígena chama o indígena está relacionado a isso aí, a observação. O indígena observa e fica dias e dias, e horas e horas observando todos os detalhes e em como ele vai

representar na arte dele, esses detalhes e essas formas e cores, os detalhes da observação daquelas figuras, então quando uma pessoa fala isso para mim “É, mas o indígena é muito preguiçoso, fica só aí parado, sentado e fumando cachimbo” eu falo assim “Não, ele não é preguiçoso, ele não está só sentado e fumando cachimbo, ele está planejando como que ele vai representar o que ele está observando, que pode ser até uma pessoa, um objeto em movimento, um objeto parado” Então a preguiça que o não-indígena fala que o indígena é preguiçoso é a observação dele, ele observa e a escuta, escutar também o barulho, escutar o som da natureza e observar. O que o Juruá fala que somos preguiçosos, é de observar e escutar e para isso tem que ter tempo e paciência e sentar, sentar mesmo para perceber esses detalhes da natureza, para poder retratar quase que perfeitamente as formas, cores e figuras. É isso.

- Quais motivos ou intenções os indígenas fazem grafismo?

R: Então, existem várias. Lá na aldeia tem muitas pessoas que fazem o grafismo indígena, nos artesanatos que eles fazem, tem homens também. As mulheres gostam mais de trabalhar nos colares e os brincos e os homens gostam de trabalhar mais os bichinhos. Tenho uns primos meus que fazem rabeca, rabeca não sei se você sabe, mas para nós é a mesma coisa que o violino, tem também o Jura e o primo dele que trabalha rabeca e tem também a cestaria, que é tanto homens quanto mulher que trabalha com esses artesanatos e trabalham com grafismo.

- Cada pessoa faz um tipo de arte diferente, hoje pode fazer cestaria e outro dia pode fazer colar ou pintura corporal, é assim? Cada um tem um serviço específico a se fazer?

R: É assim, todos os indígenas da aldeia tem que ter conhecimento da cultura, tem que ter conhecimento, então todo indígena na aldeia desde pequeno ele cresce e vai vendo como é a cultura dentro da comunidade, só que ele vai se habilitar para aquilo que ele mais quer fazer, que quer aprender. Todos têm conhecimento, sabem sobre grafismo e o que significa, mas tem aquele que quer se especializar mais em fazer os bichinhos, outros só em rabeca, outros só colares e brincos, outros querem fazer mais no grafismo e trabalhar mais em relação a vestimenta, o outro quer trabalhar mais na construção da casa, mas todos tem que ter o conhecimento. Aí quando um precisar o outro ajuda, quando tiver uma construção de uma casa vai ajudar coletivamente e quando precisa dar o apoio para o outro ele vai ajudar. Tem indígena que também consegue fazer um pouco de tudo, quer fazer e aprender um pouco de tudo e tudo da cultura dentro da aldeia, tem dia que faz só

cestaria, tem vez que ele quer trabalhar só na vestimenta e ele é assim. Tem indígena que quer aprender de tudo e ser profissional, fazer artesanato e ele consegue. Tem indígena assim também, tanto homens quanto mulher, e eles vão crescendo assim vendo e aprendendo na prática e observando. Eu tenho um irmão, por exemplo, que gosta muito de fazer só cestaria, e só faz cestas grandes, bem grandonas, não gosta de fazer cestas pequenas. Ele entra no mato e pega material e fala que só gosta de trabalhar com cesta grande e tem as grandes, médias, pequenininhas. Tem vários tamanhos de cestas e ele só gosta de fazer cesta grande. Quando ele pega para fazer cesta ele faz um monte de cesta para ele vender e assim ele vai guiando a vida dele. Aí ele terminou o ensino médio, ele tirou carta e hoje também é motorista. Como está difícil conseguir matéria prima, entrar no mato para pegar matéria prima para fazer a cestaria e estava difícil dele fazer e pegar material, ele pegou e terminou o estudo médio direitinho e tirou carta. Hoje ele trabalha como professor na aldeia e ele trabalha quando ele tem carroto para fazer, ele vai fazer o carroto para ganhar o dinheirinho dele e também dar aulas, ele é assim esse meu irmão. Os indígenas conseguem desenvolver várias habilidades.

- Quais são os elementos básicos para fazer o grafismo além do Urucum e Jenipapo que já me falou?

R: Eles usam o carvão que é da própria lenha que eles tem aqui na aldeia, eles usam muito fogão a lenha para fazer o alimento deles e se esquentar nesse frio e tem uma madeirinha própria para desenhar, mas não sei o nome dessa madeira.

- São só tinturas pretas ou outras cores também? E como conseguem essas outras cores?

R: Usam o imbé e embira, taquara, bambu, cera de abelha, que eu lembro são esses que eles usam. Urucum é vermelho, preto é o carvão, Jenipapo também é escuro, mas um escuro esquisito, eu vejo como se fosse cinza, tem vez que está cinza e tem vez que fica preto, conforme ele vai enfraquecendo quando você passa na pele, ele vai ficando cinza até que ele some, o jenipapo. Mas os indígenas gostam de outras cores, não só preto e vermelho, não. Tem o amarelo, o azul e aí essas tintas eles já usam o do não-indígena, essas tintas eles compram, mas não sei como é ou como conseguem outras cores como azul e amarelo. Eu precisava ver lá como eles conseguem, eu não sei explicar. Antigamente tinha jeito de conseguir outras cores, tinham técnicas para conseguir outras cores também, mas não sei te explicar como, mas hoje em dia é mais fácil usar tudo já

industrializados, eles compram, mas tinha técnica de conseguir outras cores, mas não sei como e nem te explicar.

- No processo da pintura corporal, teria algum elemento que seja obrigatório que seja natural, por exemplo, o Urucum ou Jenipapo? Os elementos têm que ser natural por causa do ritual ou pode ser tudo industrializado?

R: Antigamente tinha que ser tudo natural e eles mesmos processavam, só que agora não tem mais assim. É difícil conseguir matéria prima natural, eles tiravam da natureza e agora eles também não podem mais entrar na natureza, por causa da lei do meio ambiente que proíbe os indígenas de estarem fazendo as práticas deles culturais com as plantas para medicamentos naturais, tudo isso aí por causa da lei do meio ambiente. Eles não conseguem mais fazer e usar natural, as coisas naturais, aí são obrigados a usarem o industrializados, mas o Jenipapo eles ainda usam natural, o Urucum, tinta do pau Brasil, tem também o carvão que é da árvore, das lenhas que eles usam. Eu vejo o carvão como natural. Mas muitas coisas e práticas culturais se perderam porque eles não podem mais tirar da natureza, e a natureza também está toda devastada, o que mais poderia pegar da natureza? Está tudo desaparecendo, tanto plantas como animais, aí eles tem que se adaptar pelo o que o não-indígena produz, que é o industrial.

- A mesma arte que vocês fazem pinturas corporais, podem ser feitas em objetos, brincos, cestaria, tecidos, arco e flechas, colares e etc.? Tem padrão de desenho?

R: São os mesmos desenhos.

- Quando os indígenas da aldeia começaram a chegar com tatuagem, houve algum estranhamento ou todos aceitaram? Como foi o processo?

R: Gera curiosidade. Os curiosos querem saber onde fez, quem tatuou, quanto ele pagou. Principalmente o preço, porque é caro, caríssimo. Outro motivo que o indígena não faz e não adota o fixo é por causa do preço que é muito caro, então tem estranhamento sim e curiosidade, muita curiosidade.

- Então é um estranhamento bom e não um estranhamento ruim que gera questionamento se a pessoa pode ou não continuar na aldeia?

R: Não é não, só se for um ciumento e invejoso que estiver com inveja que quer fazer e não consegue fazer, aí ele critica pelo lado negativo. Os mais velhos e principalmente os

jovens têm muita curiosidade e vontade. Os mais velhos têm curiosidade, mas não ficam contra, só aquele invejoso que tem vontade de fazer e não tem coragem ou não tem dinheiro para fazer, mas não é assim, não.

Já teve caso de um adolescente, aluno meu, que foi fazer nele, ele mesmo e sem técnica nenhuma, não sei como ele fez, mas chegou um dia que ele chegou com a tatuagem que ele mesmo fez, mas virou ferida, inflamou e criou casquinha, porque ele fez de qualquer jeito que nem sei como ele fez, fez do jeito dele. Mas foi só uma pequenininha para ver o que ia acontecer, mas se não fizer com a técnica certa, nem vira desenho, do machucado vira cicatriz.

- Com a chegada da tatuagem na aldeia, você acha que pode acabar prejudicando a prática de pintar o corpo, de fazer o grafismo, ou não?

R: Não, prejudica não. Não porque os povos têm muito apego e fé na tradição e cultura, e o objetivo do povo, principalmente o Guarani é preservar essa identidade que é essa identidade que diferencia o povo indígena dos não-indígena. Tudo é sagrado para o indígena, principalmente para os Guarani e Guarani Mbya que eu convivo, tem muito do sagrado em tudo nessas práticas culturais dele. Não prejudica, não muito pelo contrário pois veio para somar. Soma se a pessoa que estiver fazendo a tatuagem no corpo dele e está fazendo com amor, com afeto, com fé, com crença e não desacredita na cultura e está sempre ali na comunidade, está com Nhandecó dentro dele. Nhandecó é o nosso ser indígena dentro dele. Não prejudica, não.

- O que você entende por tatuagens? Para você, o que são tatuagens?

R: Eu entendo que são práticas culturais de povos milenares e pelo o que eu entendi, que meu primo falou para mim, a tatuagem começou com o povo Maori, povo indígena da nova Zelândia que começou lá e os Dilua que foram também se apoderando dessas práticas e criaram técnicas dele se tatuar. Mas começou com Maori, com o povo indígena da nova Zelândia, foi o que ele me falou. Então tatuar para mim é uma prática cultural dos povos antigos, e conforme as pessoas vão se conhecendo e cada qual vai se misturando com outros povos e então vai entrando novas culturas, se redescobrimo, mas é isso aí, uma prática cultural de povos antigos que hoje tem diversas técnicas diferentes por causa da mistura dos povos. Eu vejo como uma linguagem, uma forma de comunicação que tem significados e significados muito importantes.

P: Você tem tatuagens? Quais são? Você as fez em sua aldeia?

R: Eu não tenho, sou da velha guarda, tenho 59 anos já e não vejo graça, acho que fica bonito quando se é mais jovem e fazer essas coisas quando se é jovem e está no auge da vaidade, agora com 59 anos não tem mais vaidade, a vaidade já era. Então, não tenho. Única coisa que eu faria, se fosse uma coisa certa, seria umas marquinhas brancas que aparecem na gente quando fica velha, aí eu faria para cobrir essas manchinhas eu ficaria muito contente, mas tem que cobrir batendo com a cor da minha pele. Se eu encontrasse um bom tatuador que tivesse paciência de fazer isso aí eu faria, mas tatuagem, tatuagem mesmo, não. Porque nunca foi para mim, eu acho muito bonito nas outras pessoas, uma pessoa bonita com uma tatuagem muito bem feita fica muito mais bonita, nem na minha idade e nem quando eu era mais jovem nem passou na minha cabeça, e no meu tempo mal se via e se falava de tatuagem, então não, não tenho tatuagem. E tinha que existir um tatuador médico que cobrisse as manchas brancas de velha e as estrias, principalmente as que escondessem as estrias, mas caso ao contrário não, não tenho vontade de fazer tatuagem.

Entrevista realizada no dia 07 de outubro de 2020.

Entrevistada: Jurandir Augusto Martim.

Entrevistador: Ian Gabriel Santana Marabini.

Local da Entrevista: realizada via Google Meet devido a pandemia do Covid -19

Obs.: os trechos utilizados no artigo estão grafados com marca texto.

- Apresentação básica do indígena: nome de origem e significado do nome de origem, nome social, idade, função que cumpre na aldeia;

R: Eu me chamo Jurandir Augusto Martim, em Guarani Karai Jekupé. Tenho 44 anos e sou professor do 5º ano do ensino fundamental. Os nomes indígenas são baseados nas divindades, então quando eu fui batizado recebi o nome da divindade do leste, onde nasce o sol. Não sei uma palavra correta em português, mas eu sou como quem me deu o nome. Meu nome de origem é como o deus do leste, mas é só um nome que não tem tradução, não é como Maurício que tem algum significado ou Antônio, mas o meu nome é de origem ao deus do leste, o deus sol.

- Para vocês indígenas, o que é arte? Como vocês definem a arte?

R: A arte é vista por nós, não como Juruá ver a arte. Juruá é o não-indígena. A gente não vê a arte como os Juruá, porque a arte indígena que a gente faz, as nossas anciãs ensinam para as mulheres e os homens anciãos ensinam para os homens que tudo que tem na natureza, assim como o desenho da pele de uma cobra, o desenho das nuvens, serve como base de inspiração. Então a arte é vista assim desse jeito, para nós. A importância da arte, bem dizendo, é quase que espiritual. Tudo que rege no mundo em Guarani é espiritual. Então, tudo que é visto na natureza é visto como sagrado. Então muitas coisas assim, o desenho da cestaria é copiado do que acontece no meio ambiente e a pintura corporal Guarani funciona assim. O Guarani é um povo que respeita muito as outras culturas e outros povos, então muitos dos desenhos corporais não são copiados, não, mas influenciados pelos desenhos de outros povos mais próximos do povo Guarani, inclusive a tatuagem.

A tatuagem, como o povo indígena do Brasil não tem uma tatuagem fixa como os povos de outros continentes, por exemplo Maori que tem uma tatuagem fixa, como o povo antigo da China que tem tatuagens a milhares de anos. Então o povo indígena do Brasil não faz parte, originalmente, da cultura de qualquer povo indígena, então, sendo assim, os Guarani também não, mas tem as pinturas corporais que são feitas com tintas extraídas de urucum e outras sementes que tem no bioma brasileiro. Mas recentemente, mais ou menos de 10 ou até um pouco mais, alguns de nós começamos a fazer as tatuagens fixas,

e o que tatuamos no corpo? São as coisas do nosso cotidiano, a gente escreve o nome indígena, o nome Guarani, inclusive no meu corpo eu tenho o nome da minha filha que é Kerexu, eu escrevi o nome dela, tenho pinturas de cestaria tatuado no meu corpo, então é mais ou menos desse jeito. Tem muitos também que são desenhos aleatórios como tatuagem de animais, como lobo guará, eu tenho o lobo guará tatuado no meu braço, tenho o Mainumby. Mainumby é o beija flor, para nós é o mensageiro de Tupã que sobrevoa a superfície terrestre para ver o que os filhos de Nhanderu, nós os filhos de Nhanderu, fazem na terra e passa essa mensagem para Nhanderu e passa para o céu, então eu tenho tatuado no meu braço o beija flor, para nós o Mainumby.

- O Deus sagrado de vocês indígenas, como o Deus cristão das pessoas é esse o deus Tupã ou é outro Deus ou é dividido em vários deuses?

R: Na nossa espiritualidade existe o Nhanderu, que é o criador de todas as coisas do universo, do cosmo. O Tupã é o Deus trovão, ele viaja nos trovões e nos relâmpagos, para poder castigar aqueles espíritos que causam infelicidades ao ser humano, ele é como se fosse o guardião das coisas sagradas de Nhanderu. Tem o Yamandú que é o raio e o sol. E tem o Jacairá que ele faz parte do oeste, o deus do oeste. Então para nós, a palavra ‘Deus’ vem mais da pessoas cristã, deus, deuses para gente são os espíritos e o espírito criador é o Nhanderu, que se a gente for traduzir para o português é o nosso pai, Nhanderu. Então é mais ou menos assim que a gente vê o deus cristão, aquele deus, pai de Jesus e essas coisas, não temos a mesma percepção, nós indígenas Guarani temos a percepção de que um espírito poderoso que fez todo o universo. Pode ser que seja o mesmo deus do cristão, como é o criador de tudo então pode ser até considerado o mesmo deus, o deus de toda a criação, só que a gente não usa a palavra ‘deus’, usamos a palavra em Guarani Nhanderu e os outros espíritos guardiões dos quatro cantos do planeta, da nossa terra. É assim que a gente tem a nossa espiritualidade.

- Para vocês indígenas, o que são os grafismos? Como vocês definem os grafismos?

R: Originalmente na história Guarani, a pintura corporal não tinha essa complexidade que tem agora, dada a essa convivência com outros povos que temos agora. Então inicialmente, talvez antes do contato do português até recentemente 40 a 50 anos mais ou menos, o povo Guarani só tinha uma pintura, a pintura Yxy, é como se fosse um desenho. Sabe aquelas tatuagens que as pessoas fazem agora que é só uma listra preta? Então, o Guarani antigo fazia essa listra preta no tornozelo de todos os jovens que começavam a

entrar na puberdade, então esse jovem era marcado com essa pintura. Então não seria corporal, ela seria nas partes inferiores do corpo que seria o tornozelo, que significava que o menino estaria entrando no mundo do adulto. Era nessa parte que a voz começava a mudar, quando o menino começava a criar força e músculos. Então ele era pintado com essa pintura Yxy e depois furava embaixo dos lábios com o espinho de uris ou espinho de qualquer outro espinho que tenha na mata como brejaúva que tem espinho muito parecido com o espinho do ouriço, só que um é animal e outro vegetal, então furava em baixo do lábio e aí daria a iniciação da vida do menino para vida do adulto. Ele ficava na casa dos pais, ficaria entre um mês a um ano sem contato com as pessoas, aprendendo as coisas do cotidiano indígena Guarani que era fazer casas, aprender a pescar, a fazer armadilhas para pegar peixes e outros animais da mata. E é assim que a gente, no início do Brasil, no começo do Brasil tinha essa diferença de outros povos indígenas.

- Se os indígenas Guarani não tinham costume de fazer essas pinturas no corpo todo e só no tornozelo quando estava passando para a puberdade, como foi feita essa mescla de outras pinturas, como podemos ver hoje na internet, como foi essa migração?

R: Porque o Guarani, ele é um tronco com muitos ramos, eu faço parte do povo Guarani Mbyá, mas só que tem outro ramo que é o Guarani Nhandeva, outro ramo que é o Guarani Kaiowá outro ramo que é o Guarani Avá, então essas influências se deu devido às regiões. Exemplo: a minha família é Guarani Mbyá entre Brasil, Uruguai e Argentina. Tenho parentes que são Guarani argentina, Guarani Uruguai e eu que nasci aqui no Brasil. Muitos Guarani desenvolveram devido a essa facilidade, vamos se dizer assim, de pegar coisas de outras culturas conforme foi tendo a maior interação do Guarani. Eu, por exemplo, sou Guarani Mbyá e minha esposa é Guarani Nhandeva, ela tem outra linhagem de Guarani, então o que acontece, como essa interação começou a ficar muito constante devido a viagens de carro, viagens entre as aldeias, intercâmbio entre as aldeias, então muitas coisas foram trocadas, inclusive não só coisas materiais, de pintura corporal, instrumento de música e cânticos que o Guarani usa, como também algumas coisas do idioma Guarani, a gente começou a falar muitas coisas Guarani Kaiowá por exemplo. Então o crescimento desses intercâmbios foi tendo este maior compartilhamento de cultura. Até mesmo de outros povos indígenas, de outros troncos e ramos, como o povo Kaingang e até mesmo o povo de Xingu, que eles usam muito mais pintura corporal e que influenciou muitos povos indígenas, do sudeste e do sul do Brasil.

- Hoje, vocês ainda fazem os grafismos com essa mesma finalidade de conexão com o sobrenatural?

R: Agora mudou, por exemplo a pintura corporal mais elaborada que tem agora elas substituíram a pintura tradicional antiga do povo Guarani Mbyá. Hoje em dia é muito raro, raríssimo, talvez pouquíssimas comunidades indígenas Guarani Mbyá mais isoladas que talvez façam essa pintura Yxy com propósito de inserir a puberdade do menino para o adulto. Então, sendo assim, como a pintura começou a ser usada frequentemente por nós, ficou sendo mais para poder se identificar mais como indígena do que propriamente como algo mais que espiritual. O espiritual é, como eu disse antes, a pintura antiga que ela foi praticamente extinta e essa pintura corporal mais elaborada ela é mais para se autoafirmar indígena para a sociedade envolvente tanto quanto para os outros povos indígenas também, para o próprio indígena não ter essa coisa de ‘a você não tem uma escultura’, ‘você não pinta o corpo’, ‘o indígena pinta o corpo’. Então para não ter essas coisas, o Guarani adotou essas pinturas mais elaboradas, para se auto afirmar mais forte, por ser indígena. É usada mais para mostrar para as pessoas que ainda tem essa ligação com o indígena, com o povo indígena.

- Nem a pintura do tornozelo vocês fazem?

Não. Como eu disse, isso foi se perdendo. Como a pintura corporal, ela meio que substituiu essa coisa da pintura tradicional Guarani, porque muitas das coisas que tinha no povo indígena Guarani, Guarani Mbyá, foi se perdendo com o tempo. Tanto essa quanto a da menina indígena Guarani, que quando entra na puberdade tem o corte de cabelo, que a mãe ou os pais cortam o cabelo da menina bem carequinha para a renovação da menina, para sair de uma criança para a mulher. Mas hoje em dia ainda tem essa prática, só que parcialmente, não faz mais o corte careca, corta só as pontas do cabelo, porque a menina é vaidosa e não quer ficar careca. Então muitas dessas coisas foram se perdendo, como esses rituais de passagens.

- Quem pode fazer os grafismos? Todos ou só mulheres?

R: Nos Guarani, pegamos algumas tradições de outros povos. Têm umas pinturas que só as mulheres que usam, que são tipos de pinturas no rosto como as patas da saracura que é só as mulheres que usam e quem faz essas pinturas no rosto das mulheres são as próprias mulheres. Do homem é a pintura do Tondaro que são quatro riscos no rosto imitando o bigode da onça e dois riscos no queixo e é feito pelo que é chefe dos guerreiros.

- Que diferença(s) você(s) atribui(em) para arte indígena e para grafismos?

R: Tem diferença, porque as pinturas da cestaria são feitas com trançados, como por exemplo o trançado de taquaras com tons diferentes do outro. Então faz o desenho característico, faz o desenho da pele da jararaca, faz o desenho da pele de outras serpentes e no corpo não. Como eu disse, tem a pintura das patas de saracura que é feita no rosto das mulheres e nos homens o bigode da onça. Então há diferença desses dois tipos de desenhos e é usado urucum para pintar o rosto dos indígenas e jenipapo, e da cestaria são com tons que dependem dos tons do material. Hoje em dia muita gente usa tinta, pintam com algumas tintas de taquaras e com muitas outras cores, mas o tradicional é o Imbé. O Imbé é um tipo de casca de um tipo de cipó, que raspa, tem todo um trabalho de raspar, depois enrola ele e coloca na água corrente para ficar mais maleável e quando está no ponto de trabalho aí raspa e faz a pintura na cestaria com esse material.

- O padrão dos desenhos é o mesmo ou são diferentes?

O padrão dos desenhos é variado, só que essa variação tem um limite de quantos tipos de desenho dá para fazer. Eu acho que o limite que dá para fazer, como é trançado, não passa mais de 10 variedades, mas tem que ver que acho que ninguém nunca pesquisou sobre isso, eu só sei que tem um limite do quanto de desenho dá para fazer, mas é variado.

- Que elementos vocês usam para “inspiração” nos grafismos indígenas?

R: Então como eu disse, é tudo que tem no meio ambiente. É possível pegar ele da forma do trançado da cestaria, no trançado dos arcos que também tem o trançado do arco. Então é baseado mais em desenhos de animais, como o desenho das cobras que são desenhos bem admirados, as formas geométricas que têm nas peles das cobras é uma boa inspiração por ser bem feito e bem admirado, mas é tudo que tem no elemento da natureza. É isso que a gente se baseia, os mais velhos se baseiam para fazer as pinturas das cestarias e dos arcos e até mesmo no corpo que hoje em dia a gente têm desenhos para deixar de Guarani mesmo, que tem esses desenhos que podem ser feitos no corpo também.

- Em caso da falta de um dos “ingredientes” para realização das pinturas, vocês substituem ou deixam sem esse “ingrediente”? Se substituem, vocês costumam substituir pelo que?

R: É muito difícil de substituir porque as pinturas são feitas para eventos, então quando tem eventos tem que ter disponíveis o Urucum e o Jenipapo. Então caso falte esses

materiais tem que pegar uma mistura de óleo com carvão, porque ela adere mais na pele e fica mais tempo, então se for para substituir por causa da falta desse material natural, faz a substituição com óleo e o carvão.

- O que você entende por tatuagens? Para você, o que são tatuagens?

R: Bom, eu Jurandir, Karai Jekupé, indivíduo falando, acho que é uma forma de expressão, para você se expressar, porque eu comecei a ter autoestima quando eu tive as minhas primeiras tatuagens, então isso me serviu de inspiração para mim mesmo, para eu poder me expressar, é muita dificuldade por causa da minha timidez. Tive uma infância muito turbulenta devido ao preconceito na escola, então me deu uma inspiração assim, uma forma de me expressar como indivíduo, não como grupo ou como parte de um grupo, mas para o meu ego, isso serviu bastante. Assim que vejo tatuagem, uma forma de se expressar no mundo em que a gente está.

- Você acha que a tatuagem (para o/a indígena) pode de alguma forma desvalorizar e/ou prejudicar a prática das pinturas corporais? Por quê? Explique.

R: Eu acho que ainda nesse momento ela não tem efeito de substituição ainda, apesar de ter muitos e muitos Guarani que tenham tatuagens fixas, ela ainda não é incorporada de alma e espírito como as pinturas corporais indígenas feitas de jenipapo e urucum. Por enquanto é bem difícil de avaliar se ela pode substituir, se vai substituir e se seria uma perda ou um ganho, eu acho que dependendo de que forma é usado a tatuagem fixa. O desenho fixo no corpo se tiver um padrão Guarani, um padrão que enriqueça talvez não seja algo ruim, não.

- O que os demais integrantes da aldeia acharam ao te ver com uma tatuagem sem que seja feita nos princípios da que pertence ao seu grupo indígena, ou seja, uma pintura não permanente? Foi bem aceito ou teve alguma repressão?

R: É engraçado você falando assim, porque teve uma vez que a gente foi em uma reunião espiritual em outra aldeia lá em Bertioga e um Xamã, que vocês falam Pajé, começou a falar de coisas que a gente faz no corpo e que é contra Nhanderu. Que é coisa que Nhanderu não gosta e foi falado dos piercings, dos brincos, mas não foi falado das tatuagens, eu cheio de tatuagens, escondi minhas tatuagens e não foi falado nada de tatuagens. Engraçado isso, mas não sofri nada do tipo e as pessoas que fizeram tatuagem também não, pelo menos não soube de nenhuma crítica e nada assim não.

- Você só tem tatuagens indígenas ou também tem tatuagens não indígenas? Se tem tatuagens não indígenas quais seriam elas?

R: Eu tenho tatuagens indígenas e tenho tatuagem que faz parte do mundo indígena. Tenho o lobo guará desenhado no meu braço que não é um desenho indígena, mas é relacionado ao mundo indígena. Tenho um curupira desenhado em cima do porco e tudo, no porco do mato que também não é um desenho indígena, mas é baseado com tema indígena. Um dragão desenhado na minha perna. Um tigre e uma caveira no meu joelho.

- Foi feito na aldeia?

R: Eu fiz em vários lugares. Eu fiz aqui na aldeia uma, uma indígena que eu fiz um grafismo Guarani, um indígena que fez aqui em mim e as outras foi em estúdio que eu fiz.